

# EM HOMENAGEM A SYLVIA OSTROWETSKY

Dominique Copchart-Coste\*

Sylvia deixou-nos. Ficamos órfãos da intensa luz de vida e de inteligência que experimentávamos ao seu lado; ficamos órfãos desse suprimento de alma que, mais dia, menos dia, ela nos dava e a ela ficávamos ligados.

Sylvia acompanhou por muito tempo o Departamento de Sociologia da Université de Amiens. Para seus colegas, dentre os quais me incluo, ela, simultaneamente, foi especialista em Sociologia do Espaço e do Urbanismo e companheira de vida profissional. Mais do que apresentar uma síntese da sua carreira, eu proponho um passeio por suas interrogações, que também se tornaram as nossas, porque ela as compartilhava de bom grado.

Sylvia passou quase 20 anos ensinando Sociologia na Université de Provence e mais de 15 anos ensinando na Université de Picardie. Nesse meio tempo, ou ao mesmo tempo, ela ensinou na Beaux Arts de Paris, na Université de Nanterre, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, no Institut de Sciences Politiques de Grenoble.

Formou estudantes, jovens pesquisadores; e escreveu, incansavelmente. Publicou mais de 50 artigos em revistas de Sociologia, colaborou em várias obras coletivas e deixou significativa obra pessoal. *Néo-style régional*, *L'imaginaire bâtisseur*, *Sociologues en ville* são algumas de suas obras, sem esquecer *Quelqu'un ou le livre de Moïshe*, com a qual ela se identificava particularmente. Foram inúmeras as suas intervenções em colóquios e seminários, e também por meio de artigos de jornais, de entrevistas publicadas ou concedidas à radio.

---

\* Decana da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Université de Picardie Jules Verne.

Tradução de Rosa dos Anjos Oliveira.

Artigo recebido em 10 ago. 2004; aprovado em 13 set. 2004.

Sylvia não fez escola no sentido de as pessoas que com ela trabalharam poderem retomar seu pensamento e dar-lhe continuidade. Toda repetição, toda duplicação de um pensamento, mesmo o seu, era-lhe estranha e mesmo insuportável. Ela sempre demonstrava grande respeito diante do trabalho intelectual, por isso seu interesse maior era pela confrontação e pela troca. Ela sabia tornar o trabalho dos outros possível, valorizando as argumentações. Sylvia preferia cooperar para que se construíssem locais de debate.

Além disso, como todos vocês sabem, porque eram amigos de Sylvia, ela estabelecia vínculos intelectuais calorosos, plenos de exigência e de amizade, de seriedade e de humor.

Para ela, a Sociologia era uma maneira de ser, um olhar, uma interrogação sobre a vida de todos os dias, sobre a vida que se vive. Sylvia dizia lindamente que, “se Durkheim podia considerar os fatos sociais como coisas, é porque as coisas são fatos sociais” (*Pour une sociologie de la forme*) querendo significar que não havia hierarquia entre os objetos de questionamento, que tudo podia colaborar para se compreender como se organizam os modos de se habitar e as urbanidades que eles determinam. É dizer que as afinidades sociais estão intimamente ligadas aos espaços onde ocorrem.

“Todo o ser humano” – diz Sylvia, em *Sociologues en ville*, – “está saturado de modernidade, de tradições, de vazios e de plenos culturais. A lógica da bricolagem não é o apanágio do pensamento selvagem, mas do pensamento simplesmente. Ele é permeado por constrangimentos e excessos, por inculcações e transgressões. Sociedades há que obrigam e que desobrigam, que ordenam, integram e excluem. O andamento do cientista não pode alinhar-se pelo modelo do mineiro ou do que anda em busca de ouro, o conhecimento não é mais uma geografia.”

E se os passos da pesquisa não podem mais ser aqueles da Geografia em uma sociedade inquieta e inquietante, para Sylvia serão os passos da Sociologia. A Sociologia como uma escolha e como uma afirmação, talvez, como uma reivindicação?

A reivindicação é uma necessidade para que se defina como socióloga, no sentido como Pierre Bourdieu descreve o meio intelectual e universitário do anos 60 e princípio dos 70 (*Esquisse pour une socio-analyse*). Ele descreve o tipo de “assalto” que a Sociologia deve cometer para ser entendida e lida, paralelamente às disciplinas mais acadêmicas, dentre as quais é a História a de maior respeitabilidade. A Sociologia é censurada por não guardar suficiente distância do mundo social, de estar nele profundamente enraizada.

Afirmar-se sociólogo exigia uma profunda convicção, um engajamento a serviço de um modo de compreensão do mundo; Sylvia estava entre os que traziam consigo a Sociologia, tal como Henri Lefèvre e Alain Touraine.

Citar e re-situar Sylvia nesse contexto, que parece longínquo, leva a destacar, precisamente, sua grande contemporaneidade; pois, se ela tomou parte nesses problemas dos anos 60 ou 70, da mesma forma ela tomou parte nos dos anos 80 ou 2000. As questões mais atuais atravessam seus escritos. Destacarei três: o engajamento dos sociólogos no mundo que os cerca; a questão da identidade; a questão da subjetividade.

## **O engajamento dos sociólogos**

Esta é provavelmente uma exigência para os sociólogos, que se ocupam de discernir e compreender comportamentos, atitudes e opiniões, de tomar parte em debates. Sylvia o fez muitas vezes, e muito recentemente nos projetos de restauração da Rue des Rosiers. Em entrevista publicada poucos dias antes de seu falecimento, sempre socióloga dos espaços urbanos e cidadã simultaneamente, ela defende que é necessário “discutir a modernização” de um bairro com uma história muito forte, para que ele não seja “re-qualificado”, para que ele não seja “banalizado”.

Transmitir, fazer compreender, tomar posição, defender, trocar, foram para Sylvia atitudes contínuas, tanto na universidade com seus

alunos, na cidade onde residia, quanto nas universidades mais distantes às quais ela esteve ligada, de modo particular as do Brasil.

A atitude de quem a ouvia está plenamente expressa por um amigo que participou de um volume em sua homenagem, quando Sylvia se tornou professora emérita. Disse ele a propósito de uma das suas viagens ao Brasil:

Tive o prazer e a tarefa nada fácil de traduzir suas intervenções e de constatar que sua visita provocou uma reviravolta, agitou a comunidade universitária... pronta que estava para um outro discurso. Escutaram-na com respeito, curiosidade e alguns dos meus colegas, já seduzidos por suas palavras, queriam que ela orientasse suas teses em Amiens. O entusiasmo que desperta é o mesmo em São Paulo, em Belém ou em Brasília.

... e acrescento: em Amiens ou em Paris... Sylvia não se limitava à banalidade do proposto; ela transportava os ouvintes para dentro do seu pensamento, ela realçava os desafios de seus oponentes. Sua presença, no sentido teatral do termo, era simplesmente única e participava dos seus modos de engajamento.

## **A questão da identidade, das identidades**

Questões tão fortes nos trabalhos de Sylvia e tão fortes nas preocupações de hoje em dia. Eu creio que Sylvia sempre trabalhou sobre essa questão, sobre as produções, as construções, as disposições identitárias.

Vejamos o que ela diz sobre as marionetes gigantes da trupe Royal de Luxe, quando os questionamentos lhe permitem mostrar a fragilidade das identidades garantidas:

...os habitantes do Havre, numa certa manhã, descobrem um par de sapatos com 1,40 m e que pesam 40 kg; um está preso a um poste de iluminação pública e o outro ao balcão de um banco. No dia seguinte, eles encontram o gigante, de nome Leonardo, diante da igreja, amarrado ao solo por uma centena de cordas. Ele respira, abre a boca e os olhos. No terceiro dia, ele se levanta, percorre a cidade dentro

de uma gaiola. No quarto dia, uma cantora o desperta com algumas árias de ópera... Mas, durante a noite, ele deixa o mundo dos homens... ao romper do dia, ele começa um longo solilóquio e apenas os elementos da praça farão eco ao seu desejo insatisfeito de relacionamento com os homens pequenos...

Quem faz surgir essas gigantescas figuras, quem se engaja nesse face a face entre um personagem emblemático e a coletividade?

Graças à presença do gigante, a cidade transforma-se no oposto do que é a sua trivialidade quotidiana...

Por causa do gosto popular pelo trabalho bem feito, em primeiro lugar, sua passagem torna a dar à cidade o sentido de sua unidade cultural e identitária... Por causa de sua inadaptação, depois, ele segue muito lentamente pela calçada... Sua presença sublima o próximo e faz avançar o longínquo, dissipa o tédio quotidiano... Com ele nós nos perguntamos o que é a geografia das cidades e das regiões, do tempo e da história...

Estabelecendo um paralelo entre o percurso e a narrativa, por uma deformação das proporções, nós refletimos sobre o próprio sentido da vida social e da urbanidade.

Esta passagem me parece emblemática sobre o modo de Sylvia trabalhar; um evento não é apenas um evento, o que interessa é (re)situá-lo nas cadeias de significados às quais ele pertence, (re)colocá-lo dentro de um relato, dar-lhe a palavra de uma certa maneira. Em que ocasião a identidade poderá melhor se definir do que quando ela é agitada, interpelada, e a evidência é virada de ponta-cabeça?

## **A questão da subjetividade: as subjetividades consideradas nas temporalidades sociais**

Faço referência especialmente à obra *Quelqu'un ou le livre de Moïshe* (1995), na qual Sylvia faz quase o impossível, isto é, ser a socióloga de si mesma, narrando a história de seu pai, de sua família e de si mesma tornando-se socióloga. Ela diz, na introdução, que as biografias são os contos modernos: contos no sentido de relato

metafórico, mas de modo semelhante ao sentido antropológico do mito fundador do sentido, e do sentido universal.

Sylvia afirmava que “numa pesquisa sobre um imigrante do século, nós tentamos captar a medida não do próximo ou do longínquo, do passado e do futuro, mas da distância e da ruptura obrigatória ...” e, mais adiante, ela nos dá uma chave ao falar “de uma microsociologia de si mesma... que traz o conhecimento do que é preciso fazer perante a situação que temos, perante os elementos instáveis, inesperados.”

Uma de suas amigas disse, a propósito desse livro, que “Sylvia é socióloga, mas como fazer quando se adora os próprios pais? Como analisar a ligação entre o que foi vivido por uma pessoa e a história coletiva que reflete um relato de vida?”

Sylvia lhe responde da seguinte maneira

... navegar entre dois recifes: de um lado, uma identificação muito fácil; de outro, uma apresentação muito distanciada. Não optar por um tipo de escrita, mas se deixar guiar por uma necessidade interna que deseja que apenas o relato seja, em certos momentos, fiel à realidade; ao passo que, em outros, somente a reflexão permite escapar da banalidade.

Ou ainda:

... da mesma forma que não estamos apenas no nosso tempo, mas em vários, esta obra não segue um único caminho, mas vários. Nossa vida está entremeada por lembranças, em primeiro lugar; pelos incidentes ou acidentes do presente, em seguida; pelas esperanças do que virá, enfim. Em vez de assumir que se trata de um conto, um romance ou uma biografia lidos, é preciso afirmar de pronto o caráter de incerteza e relatividade do propósito, sua constante reelaboração. Descrever para que vejam o trabalho da memória na obra presente.

O trabalho de memória é também o nosso agora. Quando Sylvia vinha a Amiens, era uma festa, um prazer dedicar-se ao trabalho. Era por causa da qualidade das trocas. E também por Sylvia ser ela mesma.

Tinha um jeito todo especial de nos levar pelo braço, de mergulhar seu olhar dentro do nosso olhar, recordando tudo o que havia sido dito, quem sabe a meia voz, quem sabe muito tempo antes, com aquele seu jeito de compreender, sem o demonstrar, com calor. Caminhávamos com ela alguns passos, como em direção a um futuro comum.

Agradecemos à Sylvia por ter significado tanto para nós.

Paris, 26 de abril de 2004

